

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL VII



EDITORA
ARTEMIS

2022

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS:

INTEGRANDO SABERES E
ABRINDO CAMINHOS

JORGE JOSÉ MARTINS RODRIGUES
MARIA AMÉLIA MARQUES

(Organizadores)

VOL VII



EDITORA
ARTEMIS

2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Prof. Dr. Jorge José Martins Rodrigues Prof. ^a Dr. ^a Maria Amélia Marques
Imagem da Capa	ciempies
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.^ª Dr.^ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^ª Dr.^ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências socialmente aplicáveis [livro eletrônico] : integrando saberes e abrindo caminhos: vol. VII / Organizadores Jorge José Martins Rodrigues, Maria Amélia Marques. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-72-9

DOI 10.37572/EdArt_171222729

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. I. Rodrigues, Jorge José Martins. II. Marques, Maria Amélia.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O sétimo volume desta coleção continua a tradição de ser um livro de temáticas emergentes interdisciplinares e transdisciplinares no campo das ciências sociais aplicadas. Interdisciplinares porque cruzam várias disciplinas do saber e transdisciplinares pela diversidade de campos do conhecimento abrangidos.

À semelhança dos anteriores volumes, a metodologia seguida na organização deste volume, podendo ser discutível, privilegiou a relevância e atualidade dos artigos, o recurso a diferentes metodologias e técnicas de investigação em ciências sociais aplicadas; o estudo de casos internacionais e nacionais, bem como a multidisciplinaridade dos estudos.

Nesse quadro, o presente volume tem como tema Saúde, Cultura e Consumo e encontra-se em torno de quatro eixos: Saúde, Cultura, Finanças e Distribuição. Na construção da estrutura de cada eixo procurou-se seguir uma lógica em que cada artigo possa contribuir para uma melhor compreensão do artigo seguinte, gerando-se um fluxo de conhecimento acumulado que se pretende fluido e em espiral crescente.

Assim, a Saúde agrupa um conjunto de cinco artigos que se preocupam com o tema. A saúde é um bem comum transversal às sociedades, o que permite movimentos transnacionais dos pacientes, seja por motivos de esperança média de vida, tratamentos específicos geograficamente localizados ou experiências forçadas devido a pandemias.

A Cultura junta sete artigos relacionados. A cultura é um património imaterial das sociedades, que permite compreender os povos, sendo o resultado de paz e ações passadas e repensadas por aqueles, com implicações nas relações internacionais, culturais, patrimoniais, etnográficas e de trabalho, com impacto na economia dos países.

As Finanças juntam um conjunto de cinco artigos. Os projectos de investimento, na óptica puramente financeira deverão ser rentáveis. Esta avaliação privilegia os esforços efectuados em investigação, inovação e *design*, na geração de fluxos de tesouraria, sob pena de as organizações criadas entrarem em falência antes do termo do mesmo.

A Distribuição junta um conjunto de quatro artigos que exploram o estímulo ao consumo. Este estímulo passa pela publicidade e pelo uso de novas tecnologias, o que gera novas soluções para os canais de distribuição com impacto na economia.

Com a disponibilização deste livro e seus artigos esperamos que os mesmos gerem inquietude intelectual e curiosidade científica, procurando a satisfação de novas necessidades e descobertas, motor de todas as fontes de inovação.

Jorge Rodrigues, ISCAL/IPL, Portugal
Maria Amélia Marques, ESCE/IPS, Portugal

SUMÁRIO

SAÚDE, CULTURA E CONSUMO: DESAFIOS PARA A SUSTENTABILIDADE

SAÚDE

CAPÍTULO 1..... 1

EXPERIENCIAS DEL CONFINAMIENTO ENTRE JÓVENES UNIVERSITARIOS: LOS EFECTOS EMOCIONALES Y SOCIALES DE UN AÑO DE ENCIERRO POR LA PANDEMIA DE COVID-19

José Guadalupe Rivera González

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227291

CAPÍTULO 2..... 29

LÍTIO – UMA HISTÓRIA DESDE A GOTA À PSIQUIATRIA

Joaquim José Oliveira de Sá Couto

Joana Filipa Cavaco Rodrigues

Bruno Afonso da Luz

Tiago Ventura Gil Pereira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227292

CAPÍTULO 3..... 35

DESASTRE DEMOGRÁFICO EN PERÚ OCASIONADO POR EL COVID-19

Luis Alberto Meza Santa Cruz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227293

CAPÍTULO 4..... 50

CENTRO INTEGRAL DE AYUDA PARA LA MUJER MALTRATADA EN TEPIC, NAYARIT, MEXICO

Bertha Alicia Arvizu López

Rosalva Enciso Arámbula

Gabriel Zepeda Martínez

Juana Evangelina Duarte Reynoso

Nicolás Daniel Lora Ledón

Mayra Elena Fonseca Avalos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227294

CAPÍTULO 5..... 69

ESTUDOS DE CASO COM APLICAÇÃO DO MODELO DINÂMICO DE AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO FAMILIAR

Dora Margarida Ribeiro Machado

Maria Cristina Pinto Mendes

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227295

CULTURA

CAPÍTULO 6..... 83

DISCURSOS DE PAZ DEL NOBEL JUAN MANUEL SANTOS

Liliana Gómez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227296

CAPÍTULO 7 100

PENSAMENTO, CRIAÇÃO ARTÍSTICA E CRIAÇÃO HUMANA

António Manuel Rodrigues Oliveira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227297

CAPÍTULO 8.....107

ECONOMÍA Y GEOPOLÍTICA: LA RELACIÓN ENTRE CHINA Y ASIA CENTRAL

Javier Fernando Luchetti

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227298

CAPÍTULO 9..... 120

TOWARDS REGENERATIVE CULTURES AND METANARRATIVES IN GIRONA: A TRANSITION NARRATIVE-DESIGN CASE STUDY

Jan Ferrer i Picó

Bas van den Berg

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1712227299

CAPÍTULO 10.....139

IMAGEN DE VALPARAÍSO, PATRIMONIO DE INMIGRANTES DEL SIGLO XIX Y PRINCIPIOS DEL XX

Hernán Alejandro Elgueta Strange

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272910

CAPÍTULO 11.....147

INDIGENAS EN LA CARCEL: LA ARAÑA TEJIENDO SU RED

Enrique Hugo García Valencia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272911

CAPÍTULO 12 166

TRABAJO DOMÉSTICO Y SU IMPACTO EN LA ECONOMÍA MEXICANA

Noemi Alejandra Armenta Sevilla

Gabriel Tapia Tovar

Melissa R. Melgarejo Valdéz

Ramiro González Asta

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272912

FINANÇAS

CAPÍTULO 13.....175

EL FLUJO DE CAJA COMO HERRAMIENTA PARA LOS PROYECTOS DE INVERSIÓN

Pablo Edison Ávila Ramírez

Alexandra Auxiliadora Mendoza Vera

Martha Margarita Minaya Macías

Rubén Hernán Andrade Álvarez

Angélica María Indacochea Vásquez

Gina Gabriela Loor Moreira

Janeth Virginia Intriago Vera

Tito Alexander Cedeño Loor

Jhonny Antonio Ávila Ramírez

Henry Marcelino Pinargote Pinargote

Luis Andrey Aguilar Tapia

Milton Geovanny Zambrano Rivera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272913

CAPÍTULO 14..... 189

GENERADOR BINARIO PSEUDOALEATORIO, FORMADO POR LA COMBINACIÓN DE REGISTROS DE DESPLAZAMIENTO CON RETROALIMENTACIÓN NO LINEAL

Andrés Francisco Farías

Germán Antonio Montejano

Ana Gabriela Garis

Pablo Marcelo García
Andrés Alejandro Farías

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272914

CAPÍTULO 15.....204

PROJETO DE MICROTURBINAS EÓLICAS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS

Silvana dos Santos Ramos
Luis Henrique Alves Candido

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272915

CAPÍTULO 16.....217

VALORES CRÍTICOS DE POLINOMIOS HOMOGÊNEOS DE GRADO TRES SOBRE LA
ESFERA UNIDAD

Julio Cesar Barros
Victoria Navarro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272916

CAPÍTULO 17229

FALÊNCIA EMPRESARIAL, ANÁLISE DISCRIMINANTE E SCORING - UMA VISÃO
GERAL

Cândido Jorge Peres Moreira
Mário Alexandre Guerreiro Antão
Domingos Custódio Cristóvão
Hélio Miguel Gomes Marques
Pedro Miguel Baptista Pinheiro
João Manuel Afonso Geraldés
Catarina Carvalho Terrinca

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272917

DISTRIBUIÇÃO

CAPÍTULO 18.....247

ESTÍMULO AO CONSUMO: UMA INCITAÇÃO PUBLICITÁRIA COM TRAÇOS
INVEJOSOS NO COMPORTAMENTO HUMANO

Karen Muzany
Janaina Vieira de Paula Jordão

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272918

CAPÍTULO 19258

THE ROLE OF MOBILE BANKING IN THE NEW DIGITAL FINANCIAL FRAMEWORK: A LITERATURE REVIEW

Maria Cristina Quirici

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272919

CAPÍTULO 20 276

EXPLORING PHYSICAL STORES IN OMNICHANNEL RETAIL STRATEGY. HOW INTERACTION DESIGN IS CHANGING IN-STORE BEHAVIOR

Francesca Fontana

Manuel Scortichini

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272920

CAPÍTULO 21288

THE IMPACT OF ECONOMIC POLICY UNCERTAINTY ON UNEMPLOYMENT IN THE UNITED STATES

Dejan Romih

Amir Fekrazad

 https://doi.org/10.37572/EdArt_17122272921

SOBRE OS ORGANIZADORES303

ÍNDICE REMISSIVO 304

CAPÍTULO 1

EXPERIENCIAS DEL CONFINAMIENTO ENTRE JÓVENES UNIVERSITARIOS: LOS EFECTOS EMOCIONALES Y SOCIALES DE UN AÑO DE ENCIERRO POR LA PANDEMIA DE COVID-19

Data de submissão: 15/11/2022

Data de aceite: 01/12/2022

Dr. José Guadalupe Rivera González

Facultad de Ciencias Sociales y
Humanidades

Universidad Autónoma de
San Luis Potosí

[https://sociales.uaslp.mx/Paginas/
Investigacion/4127#gsc.tab=0](https://sociales.uaslp.mx/Paginas/Investigacion/4127#gsc.tab=0)

RESUMEN: Desde que se decretó en México el inicio del confinamiento y la suspensión de las clases presenciales han transcurrido casi 2 años, tiempo que millones de jóvenes han tenido que permanecer en casa desarrollando las actividades que normalmente se desarrollaban en sus centros escolares. Mientras otros sectores productivos fueron regresando a la “normalidad”, el sector estudiantil tuvo que permanecer en casa. Millones de estudiantes tuvieron que ajustar sus rutinas escolares, afectivas, laborales y familiares con distintos efectos en sus propios desempeños escolares, en su salud emocional y también en sus quehaceres domésticos y en sus relaciones familiares. Este artículo se construye con las narrativas que un grupo de 29 estudiantes escribieron en un ejercicio de autobiografía mientras llevaban más de un año sin asistir a sus clases presenciales.

PALABRAS CLAVE: Pandemia. Confinamiento. Juventudes. COVID-19.

EXPERIENCES OF CONFINEMENT AMONG
UNIVERSITY STUDENTS: THE EMOTIONAL
EFFECTS OF A YEAR OF CONFINEMENT

ABSTRACT: Since the start of confinement and the suspension of face-to-face classes were decreed in Mexico, almost 2 years have passed, a time that millions of young people have had to stay at home carrying out the activities that normally took place in their schools. While other productive sectors were returning to “normal”, the student sector has had to stay at home, millions of students had to adjust their school, affective, work and family routines with different effects on their own school performance, on their emotional health and also in their domestic chores and in their family relationships. This article is built with the narratives that a group of 29 students wrote in an autobiography exercise while they had not attended their face-to-face classes for more than a year.

KEYWORDS: Pandemic. Confinement. Youth. COVID-19.

1 INTRODUCCIÓN

A los pocos meses de haber iniciado la suspensión de las clases presenciales en el estado de San Luis Potosí y en particular entre los estudiantes de la Facultad de Ciencias Sociales y Humanidades de la Universidad Autónoma de San Luis Potosí (UASLP), me di

a la tarea instrumentar varias acciones que me permitieran documentar las estrategias, acciones, problemas que se habían presentado entre un grupo de estudiantes a lo largo de un año de confinamiento. Una de esas estrategias fue la de solicitar a jóvenes que se dieran a la tarea de escribir un texto en donde se recuperaran aquellos eventos que, desde su punto de vista habían, marcado su experiencia con la pandemia y todo lo que se había derivado a partir del confinamiento. Al respecto me interesó que los jóvenes escribieran su experiencia de estar confinados en casa y que suspendieran una buena parte de sus actividades presenciales. En particular, la pregunta que sirvió de guía para la investigación fue la siguiente: ¿cómo un grupo de jóvenes universitarios vivieron la experiencia del confinamiento y todo lo que ello representó y significó en sus vidas personales, familiares y escolares? Para lograr este objetivo, se planteó que los jóvenes redactaran sus textos teniendo las siguientes preguntas como guías en la construcción de su texto:

¿Qué opinan del largo periodo de confinamiento y de estudiar en casa?

¿Cuáles han sido los principales problemas-dificultades que han enfrentado durante este largo periodo de encierro?

¿Qué o cuáles han sido los problemas técnicos que han enfrentado durante este periodo en el que han llevado las clases a distancia?

¿Cómo ha sido la convivencia en familia durante este largo periodo de estar confinado en casa?

¿Los jóvenes reportaron la muerte de algún familiar, pariente, amigo o conocido cercano?

¿Cómo se cambió la forma de ver la vida entre los jóvenes?

Los 29¹ textos que se lograron recuperar entre un grupo de jóvenes retratan diferentes problemáticas a las que se han tenido que enfrentar a lo largo de este periodo, estos problemas no solamente están relacionados con el hecho de tomar clases a la distancia y lo complejo que ha sido esta nueva experiencia para la mayoría de ellos, también se hace presente los conflictos que se han generado entre los miembros de la familia por una convivencia en condiciones anormales.

Lo importante fue darles voz a los jóvenes, lo que implicó una libertad plena, para que desde una perspectiva propia, individual e irrepetible viertan todas sus experiencias: así, sin filtro, sin afectaciones (que son propias en los actores de teatro), sin censura; acaso a veces totalmente racional y estructurada; otras veces mediante el fluir de la conciencia; en

¹Del total de 29 testimonios que se lograron generar 23 (79.4%) de ellos correspondieron a mujeres y los 6 (20.6%) restantes, son testimonios de hombres. Lo anterior está en sintonía con lo que sucede en las aulas universitarias, ya que al menos en la Facultad de Ciencias Sociales y Humanidades de la Universidad Autónoma de San Luis Potosí, en los años recientes han sido mayoritariamente alumnas quienes son las que se ha inscrito en las carreras que se ofertan en la facultad. Por lo tanto, tenemos en su mayoría experiencias de compañeras estudiantes.

ciertos casos, sin una moralidad por mostrar desnuda el alma, por verter miedos, anhelos y frustraciones; en la mayoría de los casos, porque lo que escriben sea una especie de catarsis, un grito de hartazgo ante las imposiciones familiares, escolares o sociales. Los testimonios pueden tener nombre y apellidos, un género (masculino o femenino), un horario en el que fueron concebidos y realizados; son también evidencia del entorno familiar en el que fueron escritos; el medio para hacer justos reclamos, platicar algo que les corroe las entrañas o simplemente mostrar que existen, a pesar de todo, aun cuando hayan experimentado la muerte con alguien cercano. En todo caso son expresiones e impresiones auténticas, en las que destaca cuando hacen referencia a su nueva posición como alumnos frente a una pantalla, a la relación con sus profesores, a la imposibilidad de conocer y reconocerse frente a sus pares, a la falta de empatía por parte de los adultos -progenitores y docentes- y también a todo lo que van descubriendo de sí, como una gran revelación.

De ello trata el presente trabajo, el cual está organizado en los siguientes apartados: Introducción, Metodología para la investigación antropológica en tiempos de pandemia y confinamiento; Las pandemias contadas desde las voces de las juventudes y las agendas de los investigadores; COVID-19: Una nueva pandemia y un mundo que se detuvo; “Quédate en casa”: la pandemia y el encierro entre los jóvenes universitarios; Las narrativas de 29 jóvenes universitarios potosinos durante el confinamiento y las conclusiones.

2 METODOLOGÍA PARA LA INVESTIGACIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA Y CONFINAMIENTO

En el ejercicio de pedir a los estudiantes que ellos mismos se dieran a la tarea de escribir sus propias experiencias, se buscó privilegiar el punto de vista de la población joven sobre cómo habían transcurrido sus días de confinamiento y cómo habían transcurrido esos días con la tarea de estudiar desde casa y conocer cómo se había desarrollado la convivencia familiar, cómo había sido su relación con los docentes, sus compañeros de clase y su entorno familiar².

Resultaba interesante saber cómo se había transformado y trastornado su entorno inmediato. Para ello fue que se aprovechó el contacto que logré tener con dos grupos de estudiantes durante este periodo de pandemia. Para la antropología el trabajo de campo ha sido desde siempre uno de los sellos que han distinguido al quehacer metodológico de

² Los escritos de los estudiantes realizaron me fueron entregados entre los meses de abril y mayo del 2021, es decir cuando había transcurrido más de un año desde que se había decretado en México el inicio del confinamiento y por lo tanto la cancelación de las clases presenciales. A los estudiantes que decidieron participar se les notificó de que estos testimonios se estarían usando como parte de un proyecto al que denomine: *La situación de las juventudes en tiempos de pandemia*. También se les solicito su autorización para usar los materiales que se generaron como parte de los ejercicios solicitados y se les informo también que en todo momento se estaría resguardando su identidad.

nuestra disciplina (Oehmichen C. 2014; Restrepo, 2018; Guber, 2015; Aguirre, 1995). Sin embargo, con una pandemia y con el respectivo confinamiento derivado de esta situación, hacer trabajo de campo en el formato presencial se volvió algo poco posible de llevar a cabo. Sin embargo, desde antes de la presencia de la pandemia de COVID-19 habían llegado los medios virtuales, los cuales permitían que amplios sectores de la sociedad pudieran realizar sus actividades de forma virtual.

Con el arribo de COVID-19, la virtualidad se volvió una práctica viral y se hizo más constante en la vida cotidiana de los actores sociales. Trabajar, aprender, comerciar, jugar, viajar, construir nuevas amistades, todo eso y otras actividades más fueron posibles realizarlas a través de un teléfono celular, una computadora personal o una tableta. El confinamiento vino a demostrar el auge de las plataformas digitales como espacios-interfaces de interacción ubicua (Scolari, 2017).

El primer grupo que participaron en la actividad fueron jóvenes quienes habían ingresado a las aulas universitarias en agosto del 2020. Es decir, este era un grupo de estudiantes que habían finalizado sus estudios de preparatoria cuando ya se había iniciado el confinamiento. Además, terminaron sus estudios de preparatoria bajo el modelo a la distancia y posteriormente iniciaron los procedimientos administrativos para presentar su examen de nuevo ingreso a la universidad.

Con la pandemia y el confinamiento a cuestas, presentaron su examen y fueron admitidos. Ingresaron a la universidad y durante más de un año han llevado sus clases en casa, sin tener contacto presencial con sus docentes y sus compañeros de aula. Fue así que como parte de las actividades de la materia etnografía I les solicite redactar un texto con lo que ellos consideraban habían sido sus experiencia y vivencias más significativas durante este periodo de confinamiento.

La clase se transmitía por medio de la plataforma de *Teams*, plataforma a la que tenían acceso todos los estudiantes por medio de sus cuentas de correo de la universidad. Sin embargo, no todos tuvieron una experiencia satisfactoria y eficiente, ya algunos no tenían una buena conexión a un servidor de internet o sus equipos no ayudaban mucho ya que tenían inconvenientes técnicos durante las sesiones. Es relevante destacar que por medio de la plataforma ya mencionada y por medio de muchas de sus aplicaciones, fue posible estar en contacto permanente con los estudiantes.

El segundo grupo con los que trabajé fue uno más avanzado, que estaban cursando el 5to semestre de la licenciatura de antropología, cuando se inició el confinamiento. Además, a ellos también les solicite realizar el mismo ejercicio que a los jóvenes de nuevo ingreso. De manera paralela a este ejercicio de recopilar los

testimonios, me fue posible aplicar y recuperar un total de 70 encuestas entre un grupo de estudiantes universitarios³.

La historia de la pandemia y el confinamiento relatados desde el punto de vista de un grupo de jóvenes universitarios es un ejercicio con el que se pretende comprender, desde lo individual, lo que ocurre en muchas otras dimensiones y que suceden en diferentes partes del país y del resto del mundo (Bérnard Calva, 2019).

Hacer que los jóvenes escribieran sus experiencias de aquello que para ellos había sido lo más significativo durante más de un año de haber iniciado el confinamiento en casa, resultó ser un ejercicio terapéutico, ya que les permitió identificar sus propios problemas y darle sentido a sus experiencias y a las experiencias de un mundo que se vio en la necesidad de detenerse y reinventarse en el contexto de una pandemia.

Darles voz a los jóvenes por medio de la escritura, posibilitó entender también una parte de esa pandemia que se ha vivido y que ha dejado muchas enseñanzas y muchas experiencias. Que sea el punto de vista de los jóvenes no les resta valor e importancia. Al contrario, las historias escritas vienen a cuestionar lo que podrían ser las historias contadas desde el punto de vista de los adultos, de los especialistas en la salud, la economía, la educación y la pedagogía.

En este sentido, la escritura más allá de ser un método de investigación, también es una manera de cuestionar historias canónicas y autoritarias sobre cómo se debe de vivir una experiencia como lo es la pandemia de COVID-19 (Tololyan, 1987; Bochner, 2001).

Por lo tanto, en las actuales circunstancias la antropología y su método por excelencia, la etnografía, se ha tenido que ajustar y se ha visto en la necesidad de innovar, proponer, replantear y reconstruir maneras de estar en el campo. El trabajo de campo se ha tenido que mudar, por las circunstancias derivadas de la actual pandemia, de lo presencial a lo virtual, echando mano de distintas plataformas digitales⁴. Mediante otras

³ Algunos resultados de las 70 encuestas que se pudieron aplicar durante los primeros 6 meses del confinamiento, se publicaron en un texto titulado: "La pandemia y el confinamiento: un análisis de la experiencia de estudiar en casa entre jóvenes de nivel superior en San Luis Potosí, México". El texto se puede consultar en el siguiente link: <https://ichan.ciesas.edu.mx/la-pandemia-y-el-confinamiento-un-analisis-de-la-experiencia-de-estudiar-en-casa-entre-jovenes-de-nivel-superior-en-san-luis-potosi-mexico/>

⁴ En México y en otras partes del mundo, se han desarrollado interesantes debates sobre el papel de la antropología en el contexto de la pandemia de COVID-19. De todo, ello me parecen importante destacar las sesiones que se organizaron, como parte del seminario: Antropología Mexicana y COVID-19, que en 2020 fue organizado por el Colegio de Etnólogos y antropólogos Sociales, A.C. (CEAS) Este seminario fue transmitido a través de la plataforma de YouTube y fue un importante espacio de encuentro y reflexión sobre los retos de la disciplina en los tiempos de pandemia. La totalidad de las sesiones del referido seminario se pueden consultar en el siguiente link: <https://www.youtube.com/c/SeminariodeAntropolog%C3%ADaMexicanaCOVID19?app=desktop>. Además, se incentivaron nuevas formas de colaborar y difundir la reflexión sobre cómo la misma antropología estaría abordando los problemas derivados de la pandemia. Al respecto, se puede consultar la reflexión de algunos investigadores en el siguiente link: https://www.youtube.com/watch?v=_RL5bW7yRuE.

Además, para entender los nuevos dilemas de hacer etnografía en tiempos de pandemia, resultan ser sugerentes la lectura de los trabajos compilados en el número 356 de la revista Ichan Tecolotl: <https://ichan.ciesas.edu.mx/etnografias/>. En este número se destacan los nuevos recursos metodológicos a los que se tuvieron que echar mano entre un grupo de jóvenes investigadores en el contexto de la pandemia de COVID-19.

maneras etnográficas de estar ahí (video llamadas, mensajes, y el chat), fue posible mantener el contacto con los estudiantes y recuperar sus experiencias cotidianas (Pink, Heather Horst, John Postill, Larissa Hjorth, Tania Lewis y Jo Tacchi, 2016).

La metodología cualitativa que en este trabajo se privilegió, permitió que los jóvenes fueran entendidos no como simples números o cifras sino como procesos sociales en sí mismos, personas que responden, que crean, que experimentan, que actúan en conjunto, que resisten. Por medio de sus testimonios; ellos mismo fueron capaces de percibirse como agentes históricos que forman parte de un contexto histórico muy particular: un mundo que enfrenta una pandemia y un encierro en casa, en sus cuartos obligado por las circunstancias. Por lo tanto, estos jóvenes actores en un determinado contexto como el de la pandemia no sólo han sido espectadores pasivos de los procesos históricos, si no que ellos se vuelven también en actores que escriben y narran su propia historia.

Un evento como la pandemia de COVID-19 ha sido abordado desde diferentes enfoques y distintas perspectivas. Es decir, no sólo es relevante la mirada desde la perspectiva de salud; también han salido a relucir las implicaciones o los impactos que esta pandemia ha dejado en el mundo de la economía, el trabajo, las relaciones familiares, la salud emocional y también el impacto que el encierro ha generado en el mundo de la educación y el aprendizaje de los jóvenes. Por lo tanto; en el análisis que se hace de un fenómeno como el de la pandemia, ha quedado demostrado que no hay verdades únicas, absolutas, pero lo que sí es posible es recuperar momentos particulares, fragmentos de ciertas circunstancias, de determinados momentos que se hicieron presente para cambiar la vida de las personas y darles nuevos rumbos.

En este caso, se vuelve relevante poner atención en los diferentes resultados que tuvo en la vida de un grupo de jóvenes estudiantes la experiencia del confinamiento y cómo esto dejó como resultado diferentes impactos en su vida emocional, en sus relaciones familiares y en las nuevas capacidades de aprender o no aprender nada en la modalidad de estudiar desde casa y lo que ello significó en su desempeño académico. Lo significativo de estos testimonios es que las experiencias anteriores son descritas por los jóvenes con sus propias palabras. Los testimonios que se presentan es una forma de documentar y registrar un acontecimiento de la naturaleza como lo es pandemia de COVID-19. Por lo tanto, recuperar su mundo, contado por los actores, con sus propias palabras; lo que se escribe o lo que se narra es un espejo de un tiempo y de un contexto, son narrativas individuales en medio de un contexto regional; nacional o global en profunda crisis.

Las narrativas que aquí presentamos permiten recuperar la parte subjetiva, personal y emotiva de estas experiencias. En los relatos hay espacio para todo aquello

que difícilmente se puede recuperar con un método cuantitativo o en una encuesta en donde sólo hay posibilidades de recuperar números, porcentajes y algunos breves fragmentos de sus experiencias individuales y de sus experiencias en sus entornos familiares. Lo que sucedió en la intimidad de las casas-habitaciones encuentra aquí un espacio para que sean experiencias compartidas y recuperadas por un público más amplio, quienes podrán identificarse con las experiencias y circunstancias que aquí son narradas. Estos testimonios, nos permiten acceder a la intimidad de sus experiencias privadas; experiencias a las que se vuelve complejo acceder desde otras metodologías.

Además, la importancia de generar este tipo de testimonios es que permite conocer y documentar los diferentes impactos que tuvo el encierro en varios frentes de la vida personal, educativa, emocional y familiar entre los jóvenes y en especial entre aquellos que estaban cursando estudios a nivel bachillerato y a nivel profesional. En este sentido; la importancia de estas experiencias es que sirvan como insumos para construir estrategias de intervención y de acompañamiento en el proceso de regreso a la “normalidad” y saber qué tipo de acciones colaborativas son las que se requieren instrumentar desde las comunidades, los hogares y desde las escuelas, con la finalidad de atender las problemáticas de aprendizaje, atender los problemas de salud mental que se hayan presentado entre los jóvenes y también contribuir a la reconstrucción del tejido social a nivel familiar, el cual se vio muy deteriorado con el hecho de que se tuvo que alterar las dinámicas de convivencia de todos los integrantes de las familias. En fin; hay mucho que aprender de las experiencias que nos comparten los jóvenes a través de sus testimonios y con ellos construir esfuerzos colaborativos y que les permita transformar su entorno y sus condiciones de vida. Hay que escucharlos, atenderlos y aprender de sus experiencias cotidianas.

3 LA PANDEMIA ESCRITA POR LOS JÓVENES Y LA CONSTRUCCIÓN DE NUEVAS AGENDAS ENTRE LOS INVESTIGADORES DE LAS JUVENTUDES

Es importante destacar el interés que hay entre diferentes instituciones académicas e investigadores de las juventudes por generar información sobre lo que sucedió entre este y otros sectores de la población en el contexto de la pandemia. Al respecto destacó tres proyectos en este sentido. Uno fue la convocatoria que emitió la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO) en su sede México, para el primer concurso de ensayo: ***Reflexiones desde el encierro. Las juventudes frente a la pandemia.*** Como resultado de este ejercicio, se generó una publicación⁵ con el mismo

⁵ La publicación es la siguiente: Tavera, Fellonosa, Ligia -coordinadora- (2022). *Reflexiones desde el encierro: las juventudes frente a la pandemia.* México: FLACSO México.

título del evento y que presenta los seis ensayos ganadores, tres de ellos fueron los que recibieron primero, segundo y tercer lugar y los tres ensayos restantes recibieron mención honorífica. Los seis ensayos, nos presentan las distintas realidades vividas desde la perspectiva juvenil y que representan testimonios invaluable sobre los efectos del primer año de la crisis sanitaria desencadenada por el COVID-19.

El segundo fue una convocatoria emitida por el Consejo Mexicano de Ciencias Sociales (COMECOSO) y un grupo de instituciones de educación superior. En dicha convocatoria se podía leer lo siguiente: *Para dar cuenta de estos fenómenos hemos tomado la iniciativa de crear un Blog de testimonios-acción con el título La comunidad y la pandemia* al que se invita a publicar textos cortos sobre sus efectos en los rubros abajo listados de manera indicativa, no limitativa. Se podrán incluir testimonios, vivencias, relatos, instantáneas, material audiovisual propio, otras expresiones culturales y humanísticas, memorias, reseñas de textos alusivos que muestren lo que hemos vivido en este periodo y que nos permita imaginar colectivamente formas *de mitigar los daños y de recuperarnos*.

<https://www.comecso.com/convocatorias/comunidad-y-la-pandemia>.

El tercer caso es la propuesta titulada: **Adolescentes y pandemia en México. Experiencias, sentimientos y voces adolescentes**. Los responsables del proyecto señalan lo siguiente: *En el proyecto participaron 59 estudiantes de educación media superior, Municipio de Nezahualcóyotl, y consistió en desarrollar una investigación sobre la experiencia de la pandemia por los adolescentes. Para ello y a través de reuniones virtuales recibieron el acompañamiento de los coordinadores y una breve formación en los pasos y actividades a seguir para realizar una investigación en ciencias sociales. A partir de ello, se definieron 3 actividades: a) construir las preguntas de investigación de interés y las técnicas de investigación que se utilizarían para obtener información; b) aplicar esas técnicas (entrevistas, encuestas, fotografías, etc.) y recopilar la información obtenida; c) diseñar y elaborar un producto en el cual expresaran los resultados obtenidos en su investigación. Los productos generados fueron videos, series fotográficas, podcast, música (rap), dibujos y diarios* (<https://www.clacso.org/actividad/adolescentes-y-pandemia-en-mexico-experiencias-sentimientos-y-voces-adolescentes-2/>).

El punto en común entre estos tres proyectos y el que se desarrolló desde San Luis Potosí, del que más adelante se presentan algunos resultados, es que colocan en el centro a los jóvenes y no sólo se les perciben como cifras o parte de las estadísticas de una pandemia como la que la humanidad ha enfrentado, sino que son percibidos como actores que construyen ellos mismos sus respuestas y sus proyectos con sus recursos y con sus limitaciones. Lo anterior se podrá corroborar con los casos que se presentaran

más adelante en este mismo texto y que nos presentan los escenarios en los que ha transcurrido el día a día de un grupo de jóvenes universitarios. Los alcances y resultados de estas investigaciones demuestran la importancia que tienen las agendas de los jóvenes en los intereses de las instituciones educativas y de investigación, para seguir generando conocimientos que puedan, en su conjunto, construir proyectos de políticas públicas para avanzar y brindar soluciones a los viejos y nuevos problemas de las juventudes en México y en otras países de América Latina, mismos que se han incrementado con el arribo de la pandemia y sus distintos efectos colaterales.

4 COVID-19: UNA NUEVA PANDEMIA Y UN MUNDO QUE SE DETUVO

Las primeras noticias sobre COVID-19, como se denominó al nuevo coronavirus que tuvo su origen en Wuhan, provincia de Hubei, China, surgieron a mediados del mes de diciembre de 2019. En ese entonces se registró un brote infeccioso de tipo respiratorio que causaba neumonía, enfermedad provocada por un agente desconocido para los médicos y científicos chinos. Fue hasta el 7 de enero de 2020 cuando, después de arduas investigaciones, fue posible identificar el agente causal de aquel brote: el nuevo coronavirus pertenece a la familia de los betacoronavirus, a la cual también pertenecen los virus que ocasiona el Síndrome Respiratorio Agudo (SARS), el Síndrome Respiratorio de Medio Oriente y cuatro coronavirus más, todos vinculados a la gripe común.

Una característica que distinguió al nuevo virus fue su capacidad de rápida expansión al resto de mundo: para mediados de enero, había llegado a Japón, Corea del Sur y Tailandia. El rápido incremento en el número de contagios provocó que el 23 de enero, en la ciudad de Wuhan, se iniciara una drástica cuarentena con la intención de frenarlo. Sin embargo, para el 31 de enero los casos positivos a COVID-19 estaban presentes en países europeos como Francia, Italia y Alemania, pero también se reportaban los primeros casos en América, en países como Estados Unidos y Canadá. Para el mes de febrero había más de tres mil contagios por día en China. Ante esto aquel país tuvo que poner en marcha una estricta política de confinamiento social, con la intención de detener los contagios (Cedillo-Barrón, 2020).

5 LA LLEGADA DEL COVID-19 A MÉXICO

El primer caso de COVID-19 en México fue reportado el 28 de febrero de 2020 y difundido por la prensa. El primer contagiado fue un varón de 35 años quien días antes había estado en el norte de Italia. Para el 19 de marzo, la Secretaría de Salud daba a conocer que en el país ya había una primera víctima fatal fallecida por COVID-19 que no

había salido del país, y cuyo contagio, se cree, tuvo lugar durante su asistencia a un concierto en el Palacio de los Deportes que se llevó a cabo el 3 de marzo.⁶

Pocos días después de que el virus llegó a México, comenzó a transmitirse y e número de contagios poco a poco se incrementó. Estos contagios estuvieron asociados, en un primer momento, a viajeros que regresaban de sus vacaciones en países donde el número de contagios se había incrementado (principalmente en Italia y en Estados Unidos). Para evitar que un mayor número de personas fueran expuestas a un posible contagio de COVID-19, las autoridades federales del sector salud y educativo tomaron la decisión de adelantar el periodo vacacional de Semana Santa con la indicación de que las vacaciones iniciarían el 20 de marzo y se extenderían hasta el 20 de abril de 2020. Sin embargo, ante el avance de contagios y de muertes que se registraban en México y en países como China, España, Italia y Estados Unidos, la Universidad Autónoma de San Luis Potosí (UASLP) y otras instituciones de educación superior del país optaron por la suspensión de clases a partir del 17 de marzo y no el 20, como originalmente se había informado.

No sólo los estudiantes de la UASLP fueron notificados de la suspensión de las actividades escolares, la instrucción se extendió a otras instituciones educativas de todos los niveles. De un día para otro, más de 25 millones de estudiantes de preescolar, primaria, secundaria, preparatoria, licenciatura y posgrado, además de miles de maestros, personal administrativo y autoridades, tuvieron que modificar sus rutinas e iniciar el resguardo en sus casas. También comenzaron a limitarse las salidas y el contacto en el espacio público.

Días después, el 24 de marzo de 2020, el Gobierno Federal inició la Jornada Nacional de Sana Distancia cuya frase oficialmente difundida y reiterada durante el confinamiento es “Quédate en casa”. Nunca como en últimas fechas quedarse en casa se volvió tan importante: cuidar la salud, cuidar la vida dependería de quedarse en casa. Las calles, las avenidas, las escuelas, los centros comerciales, los aeropuertos, las playas, las fábricas, los antros, los gimnasios, todo poco a poco se detuvo: los abrazos, los besos, los saludos, la comida compartida, viajar en transporte público, todo se transformó en fuente de contagio, de peligro, de angustia y de rechazo.

En este contexto, los escenarios de ciudades semivacías, de millones de personas resguardadas en sus casas comenzaron a hacerse cotidianos, aunque en México millones seguir saliendo a trabajar por necesidad, aunque también están aquellos quienes no creían en el poder mortal del COVID-19 y pensaron que todo era una invención.

Por disposiciones de las autoridades del sector salud se cerraron escuelas, cines, teatros, antros, lugares a los que la población acude tradicionalmente a divertirse:

⁶ Ver: <https://www.eluniversal.com.mx/nacion/coronavirus-como-llega-mexico-al-pico-maximo-de-contagios-por-covid-19> (Fecha de consulta: 11 de mayo de 2020).

cerraron muchos restaurantes y los que se mantuvieron abiertos sólo preparaban alimentos para llevar. También se cancelaron todas las actividades deportivas a nivel profesional y amateur, lo cual implicó la suspensión de todas las competencias nacionales e internacionales. El encierro ha implicado que las familias se resguarden en casa con el objetivo de evitar el contagio e incrementar el número de enfermos que requerirían atención médica especializada. Debido a la forma en la que COVID-19 se transmite –a través las gotas de saliva que se expulsan al toser y estornudar–, la población está expuesta a que el virus se introduzca a su organismo por los ojos, la nariz y la boca. Por ello, el aislamiento en casa ha representado una alternativa para gran cantidad de gobiernos en los países que han experimentado niveles elevados de contagios por COVID-19.

A mayor número de personas en las calles, en escuelas, fábricas, supermercados, transporte público, cines, teatros y parques públicos, aumentan las posibilidades de un contagio. Un mayor número de contagios provocaría el colapso del sistema público y privado en un periodo corto de tiempo, y dejaría a la deriva, en peligro de muerte, a un importante sector de la población contagiada. La pandemia en el territorio nacional ha tenido hasta el momento un comportamiento muy crítico para amplios sectores de la población, lo cual se ha traducido en diferentes momentos en los que los sistemas hospitalarios de varias entidades han llegado al tope de sus límites de atención y también con la escasez de medicamentos y de otros insumos médicos para atender a la población contagiada. Ello se ha traducido en la existencia de las 4 olas de contagios y muertes desde marzo del 2020 al momento actual (febrero del 2022). Es importante señalar que la disminución de la movilidad es una práctica muy antigua implementada para contener el esparcimiento de enfermedades infecciosas: en el Antiguo Testamento, por ejemplo, se menciona el confinamiento de leprosos y de otros enfermos. En la Europa feudal también se confinaba a los enfermos y a sus familias y se les custodiaba para que nadie saliera de sus hogares. Incluso algunas personas enfermas corrían el riesgo de ser asesinadas por sus vecinos, presas del miedo de ser contagiadas (Ledermann, 2003).

6 “QUÉDATE EN CASA”: LA PANDEMIA Y EL ENCIERRO ENTRE LOS JÓVENES UNIVERSITARIOS

El confinamiento en casa para millones de personas en México y en otros países del mundo inició cuando se incrementaron los contagios y las muertes. Cuando llegaron las nuevas variantes del COVID-19 y se incrementaron los contagios y las muertes y el sistema hospitalario entro en franca crisis, los jóvenes siguieron en el confinamiento y las clases presenciales siguieron estando muy lejos de retomarse para millones de jóvenes

estudiantes. Con el paso de los meses llegaron las primeras vacunas y sin embargo los jóvenes siguieron manteniéndose en casa. Millones de personas de diferentes sectores productivos en el país y en el resto del mundo empezaron a regresar a la nueva normalidad; sin embargo, los jóvenes en México siguieron quedándose en casa. Llegaron las vacunas para los jóvenes universitarios y para sus profesores y el personal administrativo; pero los jóvenes siguieron quedándose aún en casa⁷. Para finales del 2021, el escenario parecía cambiar y como resultado de ello, las clases en los formatos híbridos se hicieron presentes, sin embargo, hubo estudiantes que decidieron permanecer tomando las clases desde sus hogares. Con el paso de los meses nuevas variantes más peligrosas como Delta y ómicron llegaron y el regreso a las clases presenciales al 100% tuvo que posponerse de nuevo.

Según datos de la CEPAL-UNESCO, en América Latina y el Caribe más de 60 millones de jóvenes son estudiantes de todos los niveles y muchos de ellos se han visto en la necesidad de permanecer en confinamiento en sus hogares (CEPAL-UNESCO 2020). De acuerdo con la propia CEPAL-UNESCO, mantenerse en casa significó, para gran parte de la población en América Latina, vivir en condiciones de hacinamiento durante un periodo prolongado, con implicaciones significativas en la salud mental de las personas y el aumento en la exposición de situaciones de violencia.

En México, la suspensión de actividades presenciales en los centros educativos de todos los niveles afectó 250,000 escuelas públicas y privadas de nivel básico, 18, 000 escuelas de nivel medio superior y a 4, 000 universidades. De un día para otro, más de 33 millones de estudiantes de todos los niveles educativos (preescolar, primaria, secundaria, preparatoria, licenciatura y posgrado), además de miles de maestros, administrativos y autoridades tuvieron que modificar sus rutinas; entre ellos la población de la Universidad Autónoma de San Luis Potosí (UASLP) que, a partir del 17 de marzo del 2020 y hasta el día en el que escribo este texto (febrero de 2022), han permanecido tomando sus clases desde casa.

Estamos hablando de casi dos años desde que en México se decretó la cancelación de las clases presenciales y muchas cosas han pasado en la vida de los estudiantes desde entonces. Los relatos y testimonios que se lograron recuperar entre un grupo de jóvenes retratan diferentes problemáticas a las que se han tenido que enfrentar a lo largo de este periodo, estos problemas no sólo están relacionados con el hecho de tomar clases a la distancia y lo complejo que ha sido esta nueva experiencia para la

⁷En agosto del 2021, se inició en el estado de San Luis potosí, como en otras tantas entidades del país, la vacunación del sector de población de 18 años y más. Un sector en el que se encuentra ubicada un importante sector de la población estudiantil universitaria del país y de la entidad, esperando que lo anterior sea un paso importante en la prevención de contagios entre este sector de la población y que ello también sirva para tener las condiciones de un regreso a las clases presenciales en un periodo corto de tiempo.

mayoría de ellos, también se hace presente los conflictos que se han generado entre los miembros de la familia por una convivencia en condiciones anormales. No sólo estamos hablando de que se tuvieron que acostumbrar a tomar clases desde sus hogares a través de algún dispositivo electrónico y con muchas dificultades de por medio. Han sucedido y experimentado otros tantos ajustes en su vida como estudiantes, como parejas como familiares, como ciudadanos, como dolientes y deudos y claro muchos de ellos se contagiaron y muchos de ellos perdieron a algún familiar cercano. Cancelaron muchas otras cosas aparte de las clases presenciales. A continuación, se presenta un balance de las experiencias referidas por los estudiantes en sus textos.

7 JÓVENES UNIVERSITARIOS EN PANDEMIA Y CONFINADOS

Cuando los jóvenes escribieron sus experiencias durante el confinamiento, éstos llevaban más de un año estudiando en casa bajo la modalidad de educación virtual o a la distancia. Muchas actividades han regresado paulatinamente a eso que se llama “nueva normalidad”, sin embargo, en México y en el estado de San Luis Potosí, los estudiantes universitarios llevan año y medio estudiando y haciendo otras muchas actividades desde su hogar. Aunque en el mes de mayo del 2021 se inició el proceso de vacunación del personal docente de las escuelas públicas y privadas, es una realidad que la gran mayoría seguimos trabajando a distancia. Algunos hemos podido trasladar a nuestros cubículos para impartir nuestras clases, pero aún se siguió dando clases por medio de una plataforma y por medio de un dispositivo electrónico (celular, computadora o una tableta), no obstante, un alto porcentaje de jóvenes siguieron sin poder regresar a las aulas.

En este sentido, es que se vuelve importante saber cómo un grupo de jóvenes universitarios vivieron la experiencia del confinamiento y todo lo que ello representó y significó en sus vidas personales, familiares y escolares. En México y seguramente en otros países del mundo, miles o tal vez millones de jóvenes ingresaron a la educación primaria, secundaria, preparatoria, universidad o tal vez un posgrado, y lo han hecho sin acudir a una clase presencial a sus nuevas escuelas, esos jóvenes estudiantes sólo conocen a sus compañeros de clase y a sus profesores por medio de la pantalla de la computadora o la pantalla de su teléfono celular.

8 NARRATIVAS DE 29 JÓVENES UNIVERSITARIOS POTOSINOS DURANTE EL CONFINAMIENTO

Como ya se señaló en otra parte del texto, el ejercicio de escritura de las múltiples experiencias cotidianas de los jóvenes durante largos meses de encierro se tradujo en

muchas respuestas y muchas reacciones entre los jóvenes y sus núcleos de amigos, compañeros de escuela, y familiares. Los textos⁸ que fueron generados por los jóvenes nos permitió conocer otros mundos que también resultaron ser de gran importancia para ellos y que de otra forma no hubiese sido posible reconocer. Algunos de los temas que se lograron identificar en los testimonios fueron los siguientes:

- **Modificación en los estados de ánimo de los jóvenes durante el confinamiento:**

“Con cada día que pasaba, me comencé a aburrir de vivir lo mismo todos los días: escuchando música mientras miraba otras cosas, estando en mi cuarto como ermitaña. Lo único que se me ocurrió fue descargar este juego de PC llamado *League of Legends*, pues había visto *gameplays* y cinemáticas, por lo que me llamó la atención”.

“No he desarrollado depresión, afortunadamente, pero aquellos pensamientos de desprecio hacia mí misma aumentaron, y hacía años que no me sentía de esta manera. Solía tener muchas crisis similares, pero las olvidaba al estar en la escuela o cosas así; aunque si me pongo a pensarlo, nunca se fueron. Ansío tener clases presenciales, para conocer a mis compañeros y para que me dé el sol que me hace algo de falta.”

“Estaba muy fastidiada del encierro”.

“Cansancio, tristeza, agobio, incertidumbre, reflexión, autoconocimiento, gratitud, felicidad, conciencia, crecimiento. A estas palabras llegué al intentar sintetizar mi experiencia viviendo un hecho histórico, en la perspectiva que me otorgan las categorías de ser mujer, joven y, de un tiempo para acá, estudiante de antropología. Tengo días buenos, tengo días malos. A veces me levanto y siento la motivación de continuar e intentar que no me afecte todas las cosas que no puedo controlar; otras veces sólo me gustaría estar acostada en mi cama, esperando renacer en una roca para mi próxima vida”.

“diciembre del 2020. En este mes acabaría mi primer semestre en línea y mi primer semestre en la universidad, celebraría mi primera navidad encerrada lo cual fue algo raro porque no hubo abrazos ni reunión con la familia sólo estaba en casa mi papá y mi hermana, lo cual me regalaron de navidad la colección de Harry Potter y una camiseta, también fue lo mismo con el año nuevo ocurrió lo mismo todos en casa y aburridos”.

⁸ Los fragmentos que se utilizan en esta parte del trabajo fueron recuperados de los textos que fueron redactados por los jóvenes.

“Recibí la noticia de que había reprobado una materia. En mi situación de irregularidad me estresé más e ingería con mayor frecuencia detergente en polvo. Dejé de realizar actividades físicas como caminata y me recliné en mi habitación, aumenté de peso y me dediqué totalmente a aprender sobre Corea; abandoné la comunicación con mis amigos, abandoné la lectura y dejé de lado el estudio para mi examen de regularización programado para el 19 de julio. Días antes del examen de regularización, me pongo en contacto con el profesor. Mi permanencia en la licenciatura depende de aprobar ese examen regularización”.

“Y esto me lleva a otra cosa: he llorado un chingo el último año. Viví durante 20 años en una casa donde se aplicaba la de *The Cure* y los niños no lloraban porque mi papá se enojaba; sólo exceptuando las veces que se murieron mi abuela, cuando tenía 17, y mis perros, a los 6 y a los 19. Pero ahora puedo hacerlo y puedo cantar a las dos de la mañana y hablar por teléfono y decir que me está llevando la cola, otra vez, y eso me ha llevado a conocerme a mí mismo y a darme cuenta que ya no soy el mismo que era cuando esto empezó”.

“Siento un cansancio total que me hacen acostarme en cualquier lugar de la casa para conciliar mi pesado sueño. En las mañanas las clases y en la tarde el trabajo, hacían que me sintiera sin ganas de algo.”

“Estuve muy triste por mucho tiempo durante vacaciones y sobre todo sin ver a mis amigos ni mis profesores que tanto quería, no sentí que ya me había graduado de la preparatoria, sin sentido, ni gloria”.

“Puedo decir que este año de cuarentena no fue del todo malo, si hubo muchas cosas malas que, si me deprimieron un poco, como haber perdido mis prácticas profesionales o no haber tenido mi graduación. Pero la verdad hice algunas cosas buenas como tener nuevas amistades a la distancia, que a mi parecer creo que fue lo mejor de mi cuarentena y eso sumándole también la adopción de mi perrita”.

“Vi a algunos de mis compañeros hasta mediados de junio porque nos citaron en un lugar para las fotografías del certificado, pudimos conversar un rato ya que no nos permitían estar mucho tiempo ahí, algunos se sentían muy tristes por el hecho de que no tendríamos graduación y porque ya habían comprado sus trajes o vestidos; las pocas veces que salí de casa, fueron para asistir a cursos de la iglesia en donde impartían diferentes materias para el examen de admisión”.

“Actualmente, nos sabemos qué sigue, qué va a pasar, pero definitivamente esto marca mi vida y la vida todo el mundo, no veo la tecnología de la misma

manera que antes, siento que mi vínculo con mi celular se ha reforzado en este año y mi repudio por las redes sociales ha incrementado; también me he dado cuenta que me siento bien la soledad, y me gusta darme un tiempo para mí misma en solitario, me he conocido, me he cuidado en todos los aspectos y me he abierto a nuevas perspectivas y sobre todo a ser más empática, porque definitivamente, como futura antropóloga, lo necesito”.

“Y con esto se empieza otra, la preparación para la entrada a la universidad, mucha incertidumbre que me causo inseguridad por la forma en que se va soltando y modificando la dinámica, en lo personal me costó muchísimo estudiar, lo deje un poco para último momento, me ocasiono mucho estrés pero al final llego el día de ir a presentar el examen a la facultad, el primer momento en el que me enfrento a ver tantas personas, claramente con el protocolo de seguridad pero aun así es sorprendente encontrarme con tantas personas y siendo San Luis la ciudad pequeña que es, no reconocer a nadie”, “Regresé al gimnasio, cosa que es un pilar en mi vida, me ayuda mucho con mi ansiedad, mi estabilidad emocional y mental, y esta salida aunque es corta cambio para mejor la situación en la que me encontraba, ahora que hago mención de este tema sensible que es la ansiedad, se volvió algo muy fuerte en mi vida, especialmente direccionado a mis clases, las participaciones, exposiciones me empezaron a causar mucho conflicto, y es un poco molesto el cómo antes me parecía tan normal convivir, justo ahora el pensamiento de hablar en clase no me pone en la mejor situación, pido una disculpa por no ser la versión más participativa de mí, pero estoy trabajando en ello”.

“Cuando terminó el semestre me sentí aliviada, no estaba tan cansada de la escuela, pero ya me había empezado a fastidiar”.

“Empieza el segundo semestre completamente en línea y me harte en los primeros días. En realidad, ya estaba cansada del semestre pasado, pero en este nuevo semestre, mi cuerpo y mi salud mental dijeron “basta” y me desconecte de mis responsabilidades por un buen tiempo. Me gustaban los temas que veíamos, pero ya no tenía ganas de entrar a clase, estaba bastante cansada todo el tiempo, me sentía desmotivada y sin ganas de hacer nada”.

“Las vacaciones de semana santa me dieron un descanso de las responsabilidades, pero cuando regresamos a las clases, nada mejor. Puedo decir que estoy harta del semestre en línea”.

“No poder salir, ni convivir como estaba acostumbrada, ha sido un martirio. Llevo sin bailar en clases desde el año pasado, llevo sin salir a fiestas desde el año pasado, en realidad, llevo sin relacionarme con un mundo físico desde el año pasado. Esto no sólo ha mermado mi salud física y mental, sino que también me ha afectado mucho en las habilidades sociales que tenía”.

“Pase de emanar una vibra zen a llorar de la nada, podía estar comiendo y sin motivo o razón derramaba lágrimas al igual que el convivir con mi papá se volvía cada vez más difícil, pero sobre todo extrañaba a mi “tita”.

“Hay veces que me miro al espejo y no puedo reconocermme. Estoy pálida y delgada, cada vez resalta más el color de las ojeras, consecuencia del insomnio. Estoy consciente de que mi mente se deteriora y mi cuerpo poco a poco también se marchita. Anhele mucho dormir por las noches, he intentado ejercitarme mucho para así poder estar cansada, y lo estoy. Mi mente y mi cuerpo ya están agotados, pero no puedo dormir. Paso las horas de la noche dando vueltas en la cama, rodeada de oscuridad y la tristeza que me asfixia. Me cubro con las mantas, grito y lloro desesperadamente porque no sé cómo detener esto. A veces lloro hasta por fin conciliar el sueño y otras veces, mientras pienso en qué debo cambiar, en qué tés relajantes buscar y cuántas veces debo meditar para descansar, suena la alarma y todo se repite de nuevo. Estoy tan agotada durante el día que a veces no me puedo levantar, mi cuerpo se siente pesado, oprimido, como si una fuerza invisible me abrazara hacia abajo. Esto también ocurre cuando es hora de comer. Mis brazos se sienten como el plomo y lloro de desesperación al no poder levantar el tenedor. Si esto no sucede, entonces las náuseas no me dejan probar bocado”.

“Las horas se funden con el pesado calor de mi habitación, veo como sucede mientras estoy tirada en el piso, rodeada de las mismas cuatro asfixiantes paredes, muchas veces se siente como si estuviera muerta. Estoy cansada”.

“Después de que me comunicaron que aprobé el examen regularización me relajé un poco más, y días antes de mi cumpleaños (día 22) me emocioné porque sería mi cumpleaños. Un día antes de mi cumpleaños llegan a mí inmensas ganas de llorar por cumplir años y lloro durante horas. Mi familia que había estado “emocionada” porque había recuperado el “animo” debido a mi llanto dejaron de lado la idea de una posible “reunión” por mi cumpleaños y permitieron que el día pasara como si nada además de dejar que me comiera todo el pastel”.

9 IMPACTOS DEL ENCIERRO EN EL ESTADO DE ÁNIMO ENTRE LOS JÓVENES

Las experiencias de los jóvenes nos muestran que situación de las juventudes no ha resultado estar alejada de lo que se ha sido experimentado por las juventudes en otros países; por ejemplo, los resultados de la “*Encuesta de Percepción y Actitudes de la Población. Impacto de la pandemia COVID-19 y las medidas adoptadas por el gobierno sobre la vida cotidiana*”, aplicada por el Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia (UNICEF /Argentina), en este ejercicio se destacó que un 50.5% de los jóvenes del país afirmó estar deprimido, angustiado o asustado por la pandemia de coronavirus COVID-19. Además, el 44% piensa que ellos o sus familias se van a contagiar.⁹

Los trastornos en la salud mental y también la salud física han sido también escenarios en los que los jóvenes han lidiado con la pandemia, tal vez no viéndose en situaciones de gravedad por contagios de COVID-19, pero si en aspectos derivados por lo incomodo que podía ser pasar largas horas del día frente a una pantalla de un dispositivo electrónico y lo anterior se agravaba aún más cuando el lugar de estudio eran espacios reducidos de las propias casa-habitación; ya que hay que recordar que los jóvenes tuvieron que compartir espacios físicos de la casa y dispositivos electrónicos con otros miembros de la familia. Cancelar de un día para otro la convivencia social de los jóvenes en sus espacios cotidianos (escuelas, parques, cines, teatros, antros), y con sus pares (compañeros de escuelas, compañeros de trabajo, novios, amigos), resultó ser un detonador de innegables crisis emocionales para cada uno de los jóvenes. También estas narrativas son bastante parecidas a las que otros investigadores y otras instituciones han logrado documentar¹⁰. Ciertamente los jóvenes contagiados y fallecidos por COVID-19 no resultaron ser tan numerosos como si lo fueron otros grupos de edad, pero los daños a la salud emocional que ha dejado meses de encierro sin poder asistir a la escuela y compartir muchas otras actividades con sus pares, eso sí ha dejado innegables secuelas, lo que hace necesaria una acción estrategia de acompañamiento y/o tratamiento no sólo académico; sino también un acompañamiento emocional y afectivo. Los jóvenes han enfrentado muchos duelos, y éstos no sólo se refiere a la muerte de algún pariente, o conocido. Los duelos han sido experimentados por haber tenido que romper con sus planes y sus proyectos por culpa de un encierro que llegó de un día para otro y que obligó a cancelar muchos proyectos y actividades que se habían planeado con anticipación (fiestas de fin de cursos, viajes de movilidad estudiantil, prácticas de campo y otras actividades importantes para los jóvenes).

⁹ Ver: <https://www.unicef.org/argentina/media/8056/file/Covid19-EncuestaRapida-InformeEducacion.pdf>

¹⁰ Ver los testimonios incluidos en el texto: Tavera, Fellonosa, Ligia -coordinadora- (2022). *Reflexiones desde el encierro: las juventudes frente a la pandemia*. México: FLACSO México.

10 PROBLEMAS TÉCNICOS Y DE CONECTIVIDAD EN LA NUEVA REALIDAD DE ESTUDIAR DESDE CASA:

“Comienzan a hacerse notar las complicaciones de conexión con algunos compañeros foráneos que regresaron a sus respectivas ciudades, pueblos, ranchos y/o comunidades; así como las complicaciones de compañeros que no contaban con el equipo apropiado para poder sostener una red estable de internet o algún dispositivo para abrir las plataformas destinadas para clases, en mi situación, no contaba con un contrato de servicio de internet, por lo que tenía que hacer uso de datos a través de recargas telefónicas, que en ocasiones no eran posibles a causa de los problemas económicos que veníamos arrastrando desde 2019”.

“Y para terminar de empeorar las cosas, mi computadora vieja no podía soportar tantas clases en línea que la terminé sobre explotando y aunque no quisiera, terminó siendo obsoleta para mis clases ya que era muy lenta y se le terminaba muy rápido la batería, así que a mitad del semestre tuve que comprar otra nueva”.

“Anteriormente ya se había presentado un confinamiento por parte de la influenza, pero con menos impacto comparada con la actual. Al ser algo nuevo, tanto para los maestros como para los alumnos de los diversos niveles escolares, se buscó rápidamente opciones con el objetivo de continuar nuestros estudios. Surgiendo diversas herramientas digitales que cumplieran con este objetivo. Tales aplicaciones como *Zoom*, *Microsoft teams*, *Skype*, *Google classroom*, entre otras. Mi primer problema presentado por dichas aplicaciones fue el hecho que, al ser diversos maestros, utilizaban diferentes aplicaciones, creándose una desorganización o confusión al entregar trabajos o exámenes y asistir a sus clases virtuales”.

“Como todo mi desenvolvimiento en estas herramientas digitales es a través de mi celular, no podía subir mis trabajos desde éste, teniendo que pedir prestada la laptop de mis hermanas, generándose a veces conflictos por esto; incluso tenía que pedir favor algunos de mis compañeros para que subieran mis trabajos”.

11 INTENTANDO ESTUDIAR A TRAVÉS DE UNA PANTALLA DE CELULAR O DESDE LA PANTALLA DE LA COMPUTADORA

Trasladar las clases a casa fue sin duda una experiencia cargada de muchos retos tanto para los estudiantes, pero también lo fue para los profesores. Nadie estaba preparado para los retos que impuso el confinamiento en este sentido. Desde siempre la

escuela había transcurrido en el escenario de lo presencial, lo virtual era ocupado para otras actividades de ocio, diversión y entretenimiento; pero realizar una estrategia de aprendizaje y de enseñanza al 100% bajo este formato fue algo tan nuevo y novedoso que a los pocos días y semanas empezó a dejar sus secuelas. Un hecho que aparece y se repite no sólo en lo que nos confían los estudiantes potosinos, si no que aparece en otros ejercicios es que al inicio de las clases a distancia lo que se hizo presente fue una situación un tanto cuanto caótica, ya que en varios casos la virtualidad fue inexistente, lo anterior fue porque los profesores sólo mandaban tareas y el contacto con sus estudiantes fue prácticamente inexistente. En otros casos, cada maestro buscó tener contacto con sus estudiantes por medio de aquella plataforma con la que estaba algo familiarizado. Por lo tanto, un mismo estudiante tuvo que instalar en sus celulares o en sus computadoras las siguientes plataformas: Skype, Zoom, Teams, Classroom, Moodle, Didactic, Kast, Google Duo. A este caos inicial, se tuvo que agregar las desigualdades digitales y las desigualdades económicas de cada estudiante y de su entorno familiar. Las clases a la distancia fueron muchas experiencias a la vez. Sobre esto, las instituciones de educación superior enfrentan un reto mayúsculo, es decir, es importante generar diagnósticos para evaluar lo que sus estudiantes dejaron de aprender y buscar suplir esas carencias que dejó el que no se tuvieron las oportunidades de hacer prácticas de campo, servicios sociales que quedaron a medias o que no empezaron, movibilidades que no se ejecutaron. Es decir; cómo enfrentar estrategias para hacer frente a lo que no pudo desarrollarse y que ha dejado secuelas en el aprendizaje de los estudiantes. Al menos un efecto de todo lo anterior lo tenemos con las cifras del abandono escolar¹¹, lo que se ha traducido en un menor interés de los estudiantes por acceder a la educación en el nivel medio y superior. Como podemos ver, las actividades académicas no se detuvieron, sin embargo, es de llamar la atención la variedad de estrategias a la que tuvieron que recurrir tanto los profesores como los estudiantes para poder continuar llevando plan de trabajo

¹¹ Al respecto, resultados de la Encuesta para la medición del impacto COVID-19 en la Educación (ECOVID-ED) 2020, levantada por el Instituto Nacional de Estadística y Geografía e Informática, informó lo siguiente: se estima que, del 2.2% (738.4 mil personas) de la población inscrita el ciclo escolar 2019-2020 que no concluyeron, más de la mitad de ellos (58.9%) señaló que fue por un motivo relacionado a la COVID-19, el 8.9% por falta de dinero o recursos, el 6.7% porque tenía que trabajar y finalmente el 25.5 % restante mencionó otros motivos distintos. Los motivos específicos asociados a la COVID-19 por los que no se concluyó fueron: perdió el contacto con maestras/maestros o no pudo hacer tareas (28.8%), alguien de la vivienda se quedó sin trabajo o redujeron sus ingresos (22.4%), la escuela cerró definitivamente (20.2%) y carecía de computadora, otros dispositivos o conexión a internet (17.7%). El porcentaje de población que No concluyó el ciclo escolar por motivo de la pandemia por COVID-19 según el nivel de escolaridad, va en decremento conforme aumenta el nivel de escolaridad, se identifica que para quienes estaban en preescolar fue prácticamente el motivo único de no concluir el año escolar (94.7%), el porcentaje se reduce a 73.2% para el nivel primaria y llega a 35.9% para educación media superior, siendo el menor porcentaje, pues en educación superior el porcentaje de mención de la COVID-19 como motivo de no conclusión fue de 44.6 por ciento. Por otro lado, el porcentaje que No concluyó el ciclo escolar 2019-2020 por falta de recursos o porque tenía que trabajar fue del 5.6% para el nivel de secundaria, 43.7% para el nivel de media superior y de 25.1% para el nivel superior.

que establece cada uno de los programas de cada una de las materias que los jóvenes estaban cursando y que los profesores estaban impartiendo antes de que se declarara la cuarentena por el COVID-19. Además, para algunos jóvenes estas nuevas formas de estudiar representaron un reto, ya que hubo quienes señalaron lo difícil o lo imposible que les resultaba estar conectados, o simplemente tener una computadora o teléfono de reciente generación o también la imposibilidad de tener acceso a la red, porque se carecía del recurso para pagar una recarga o acceder a un plan que permitiera contar con el internet en casa¹². Resultó evidente que la pandemia también contribuyó a evidenciar las desigualdades económicas de la población y eso fue brutalmente evidente en el tema de la conectividad, ya que hubo estudiantes que no contaban con los recursos suficientes para tener acceso a un proveedor de internet; y en otros casos sus aparatos telefónicos o sus computadoras resultaron ser totalmente obsoletas. Un rostro más de las graves asimetrías y desigualdades en las que viven millones de personas¹³

- **Problemas de salud durante el confinamiento:**

“Aunado a ello, la preocupación por la pérdida de visión de mi madre a causa de la diabetes; la presión universitaria por mi irregularidad en materias y una insana relación con una ex pareja, quien se la pasaba enviándome mensajes, reclamando que simplemente me desaparecí de su vida al eliminarlo y bloquearlo de mis contactos de *WhatsApp, Facebook e Instagram*; además de problemas económicos en casa, debido a la primera cirugía para que mi madre recuperara la vista y la continua asistencia con médicos especialistas para controlar su nivel de glucosa. Agregando a eso, el confinamiento y la convivencia y el compartir espacios con tres personas más aumentó mis niveles de ansiedad. Lo supe porque, además de mis malestares físicos, volví a ingerir detergente en polvo y jabón en barra, una forma de controlar mi ansiedad, ya que al estar en casa no podía fumar nada; contando también

¹² Por ejemplo, algunos resultados de la Encuesta para la medición del impacto COVID-19 en la Educación (ECOVID-ED) 2020, levantada por el Instituto Nacional de Estadística y Geografía e Informática, informó lo siguiente: Ante la pandemia las instituciones educativas tanto públicas como privadas han puesto en marcha programas para continuar con la educación a distancia a través del uso de las Tecnologías de la Información y Comunicación (TIC), herramientas que han sido indispensables para la comunicación entre docentes y alumnado, en un principio implementado de forma excepcional para adaptarse rápidamente a la nueva forma de aprendizaje con la finalidad de lograr que la población inscrita concluyera el ciclo escolar 2019-2020; para dicho ciclo, la herramienta digital más utilizada por el alumnado, fue el teléfono inteligente con el 65.7%, le siguió la computadora portátil con el 18.2%, computadora de escritorio 7.2%, 5.3% con la televisión digital y la tablet con el 3.6 por ciento.

¹³ En fechas recientes, el CONEVAL publicó los resultados de la medición de la pobreza y la pobreza extrema entre la población mexicana entre el periodo 2018-2020. Para ambos casos: pobreza y pobreza extrema se reportaron incrementos (se pasó del 41.9% al 43.9% para el indicador de pobreza y del 7.0% al 8.5% en el indicador de pobreza extrema), lo cual seguramente es uno de los muchos efectos de la pandemia, que provocó no sólo contagios y muertes, sino que millones de personas vieran reducidas sus capacidades económicas- Ver: https://www.coneval.org.mx/Medicion/PublishingImages/Pobreza_2020/Pobreza_2018-2020.jpg

el no recibir respuesta o, por lo menos, haber sido notificada por algunos profesores de cómo se llevaría a cabo el resto del semestre, tras escuchar rumores de que no se retornaría a clase el día preestablecido por las autoridades de la UASLP, a causa de la gravedad con que el virus COVID-19 estaba propagándose por el continente americano y el empeoramiento en países asiáticos y europeos”.

“Estar ahí, con la familia, con los amigos, con los extraños incluso y eso ha sido un reto grande para mí, porque al estar ahí por medio de entornos virtuales mis brazos me duelen, mis ojos me arden a causa del brillo de la computadora y el celular; mis piernas se duermen y mi cadera ya se ha resentido”.

“Mi salón de clases se ha visto confinado a intentar prestar atención al maestro en una pequeña pantalla del celular, mientras estoy sentada en un banco alto y sumamente incómodo que siempre me ha dejado dolores de espalda y de cadera a mis cortos 21 años, pero que es una mejor opción ante la comodidad de la cama que me ha hecho quedarme dormida en más de una ocasión”.

“Estoy en un trabajo desde junio del año pasado, durante los primeros meses me enferme de Covid-19, hasta la fecha fue la única ocasión que visite a nuestra doctora particular, que me dio vitaminas y una orden para realizarme unos estudios porque efectivamente se confirmó que soy asintomática, ya casi se cumple un año que no puedo disfrutar una buena comida o un buen olor del café que todos los días me preparo en las mañanas”.

“No hacía nada de esfuerzo físico, pero estaba extremadamente cansada”

“Mis actividades personales cambiaron drásticamente a cuando iba a la Universidad, puesto que antes hacía ejercicio en el gimnasio de este mismo y ahora tengo problemas alimenticios; provocando que bajara y aumentara de peso. Además, solía visitar y salir con mis amigos después del gym o de clases y ahora tengo muy pocas oportunidades de salir, además por las circunstancias”.

“De igual manera el no salir a las diferentes actividades, afectó en cierto grado a mi salud mental, mostrándose como lapsos de ansiedad momentánea, estrés y hasta momentos de depresión, sin embargo, el estar en contacto con personas de la iglesia fue importante para mí para mantener una salud mental, y me atrevo a decir que tanto para mí como para mi familia”.

Evidentemente se registraron contagios por COVID-19 entre los jóvenes que nos compartieron sus experiencias durante el confinamiento, sin embargo, no resultaron con experiencias fatales, como si ha sido reportado para otros sectores de la población, en particular para personas adultas y que además presentan alguna enfermedad crónico-degenerativa¹⁴. Permanecer tanto tiempo en casa y sin la posibilidad de caminar y ejercitarse, como se hacía tradicionalmente en las calles, los parques y las escuelas, generó que los jóvenes adecuaran sus actividades a pequeños espacios en sus hogares y con la presencia de muchas otras personas; ello ocasionó deterioro y malestar en sus ojos (largas horas frente a una pantalla de una computadora), dolor en piernas y brazos. Evidentemente también hubo casos de alteración de hábitos de alimentación y, por lo tanto, ello repercutió en subir de peso. El sueño fue algo que entre los jóvenes se vio alterado y por lo tanto ello repercutió en sus estados de ánimo: mal humor, estrés y cansancio. En todo este escenario hubo muy poca información sobre el impacto del encierro en los hábitos del consumo de alcohol, tabaco y de otras drogas entre los jóvenes. Esto último es, sin duda, un tema que requiere mayor interés e información.

12 LA RUTINA EN EL CUARTO:

“Mi cuarto siempre ha sido mi refugio, donde puedo ser y hacer con la tranquilidad de que nadie me va a juzgar porque los únicos ojos que me ven son los míos en el reflejo de los espejos. Los espejos de mi cuarto han sido testigo de los cambios emocionales y físicos que tuve que vivir a lo largo del encierro; noches de llanto y crisis de ansiedad por no poder lidiar con las situaciones familiares, no saber hacer una tarea con un profesor que no responde los mensajes, o bien, por el pánico momentáneo causado después de cortarme el pelo en un intento de sentirme mejor conmigo misma”.

“Cada mañana tengo que tender mi cama para tener mi refugio listo para cuando salga de mi horario escolar, me quito la playera vieja y raída que uso

¹⁴ Para el mes de octubre del 2021, según datos oficiales, el número de contagios por COVID-19, el rango de edad con la mayor cantidad de personas que dieron positivo a COVID-19 fue la categoría de ciudadanos entre 30 y 44 años de edad. Los grupos con menor cantidad de casos fueron los adultos mayores de 90 años, y los niños y adolescentes de menos de 15 años. En el caso de la población joven (15-29 años) los números de contagios fue de 906,000, y esos números se incrementaron para en el siguiente rango de edad de los 30-44 años, ya que los casos positivos fueron: 1,171, 738. Una vez que se inició la campaña de vacunación a finales del 2020, la población objetivo fueron los adultos mayores; mientras que la población joven tuvo que esperar a ser vacunada hasta el mes de agosto del 2021 (<https://es.statista.com/estadisticas/1214113/casos-covid-mexico-edad/>). Evidentemente se han registrado muertes entre la población joven, pero han sido significativamente menos que los que se han registrado entre la población adulta; al respecto es interesante el análisis que se ha realizado desde algunos organismos internacionales y que destacan que el riesgo de muerte por COVID-19 ha sido significativamente más bajo entre la población de los jóvenes en comparación con las personas de la tercera edad. Al respecto se puede consultar el análisis que se incluye en el siguiente link: <https://blogs.iadb.org/ideas-que-cuentan/es/a-los-jovenes-les-va-mejor-con-la-covid-19-pero-en-america-latina-la-realidad-es-mas-compleja/>

para dormir y me intento vestir con algo que me cubra lo suficiente como para poder prender mi cámara y no sentirme avergonzada ante mis compañeros. Si no hago estas dos cosas, siento que la frontera entre mi salón de clases y mi refugio se borra por completo, cosa que jamás pasaría de estar en mis queridas aulas frías y poco ventiladas de la universidad”.

“En mi vida escolar el examen se había visto pospuesto y cuando por fin fue posible entrar a la licenciatura lo hice, pero dejé de percibirla como una universidad, no había compañeros, las paredes de mi cuarto se convirtieron en mi aula y todo lo que me entusiasmaba de por fin poder entrar a mi carrera soñada no existía más. Sinceramente todo el camino ha sido duro, antes de la pandemia siempre me había percibido como un mujer quitada de pena, a la cual se le facilitaba socializar en cualquier ámbito, pero estando detrás de una pantalla el solo hecho de prender el micrófono para emitir una opinión sobre las lecturas me ha causado una guerra interna, como el levantarme a las 7 para sentarme en el escritorio que se encuentra justo aun lado de mi cama me ha parecido un castigo”.

“Mi primera dificultad fue con la de no contar con un espacio adecuado ya que no tengo escritorio y el comedor ya estaba siendo utilizado por mi padre. Me adapté colocando mi laptop en mi cajonera sobre unos libros y poniéndola de frente a mi cama, donde me siento. Tengo una tabla de madera que me sirve para apoyar mis libretas y tomar apuntes, pero creo que este hábito me está generando una mala postura y dolores de espalda. Por ello a veces decido apagar la cámara y acostarme, pero muchas veces eso hace que termine dormida”.

“Por supuesto que hay ventajas de tomar las clases a distancia, como no tener que levantarse temprano, solo arreglarse de la cintura para arriba y ahorrar dinero en gasolina y transporte, así como poder conversar con los compañeros por medio de *whatsapp* u otras aplicaciones en plena clase. Sin embargo, creo que estas ventajas nos han traído también malos hábitos. Muchos nos levantamos de la cama 5 minutos antes de que comience una clase y creo que por ello no es extraño ver a nuestros compañeros peinándose o preparándose el desayuno. También hay otros que deciden tomar un baño o ponerse a hacer el aseo. Esto último yo lo he hecho mucho. Pongo mi celular en el bolsillo de mis pantalones y escucho la clase con audífonos, como si se tratara de un podcast”.

13 CUANDO LA CASA SE VOLVIÓ AULA Y CENTRO DE TRABAJO:

La vida escolar, pero también la vida social y el entretenimiento se llevó a la casa, pero para muchos de los casos que aquí se presentan la recámara se transformó en el lugar en donde se intentaba tomar clases y hacer muchas otras actividades. Sin duda, ello generó ajustes en la manera en la que se experimenta la vida y por supuesto generó cambios en su estado de ánimo. Acostumbrados a convivir personalmente con sus amigos, con sus compañeros de clase, sus docentes y sus parejas, todo esto se tuvo que modificar. La socialización se da por largos meses por medio de un teléfono celular o un equipo de cómputo. Desde los cuartos de recámara o desde otros espacios del hogar, se intenta llevar una nueva experiencia de vida. No hay duda de que para los jóvenes la interacción presencial y ocupar espacios públicos para realizar esa interacción es algo crucial en la construcción de su identidad y en la reafirmación de los roles al interior del grupo en el que se desenvuelven. Por lo tanto; es clave que instituciones de salud pública y las propias instituciones educativas puedan tener conocimiento de la existencia de este tipo de experiencias, contadas por los propios jóvenes, para que de manera colaborativa se construyan proyectos de atención y de acompañamiento de la población juvenil, pero también de aquella población adulta con la que cotidianamente conviven; ya que ambos grupos de población han pasado mucho tiempo junto; pero al parecer esta convivencia no siempre resultó en las mejores interacciones que nos podamos imaginar. Al respecto en otro trabajo de mi autoría, (Rivera, 2022), he podido documentar que una buena parte de los conflictos que los jóvenes padecieron durante el largo periodo de encierro, se tuvieron con sus hermanos, con sus papás y mamás, con otros parientes que llegaron a la casa. La larga convivencia en un mismo espacio generó roces, malos entendidos y muchos conflictos.

14 COMENTARIOS FINALES

A partir de que la enfermedad del COVID 19, provocada por el virus SARS-CoV-2, se extendió por diversas partes del mundo y que en México se detectaron varios casos, el gobierno federal, a través de la Secretaría de Salud, determinó el 24 de marzo del 2020 el inicio del distanciamiento social, que consistió en la reducción de actividades no prioritarias, la limitación de actividades presenciales y, en su conjunto, evitar hasta donde fuera posible el contacto social. Tal decisión de las autoridades educativas y de salud, en lo relativo a la educación, significaría que todos los estudiantes recibirían clase mediante dos medios: a través de Internet, por las plataformas que las distintas escuelas determinarían y mediante la televisión, para lo cual se pusieron a disposición canales pertenecientes a

gobiernos federal y estatales. En una primera mirada, todo indica que la solución sería bastante sencilla: los alumnos regresarían a sus casas y desde ahí se dispondrían a llevar a cabo sus clases, mientras tanto los maestros se conectarían virtualmente con ellos y, de ser necesario, los programas de *Aprende en casa* podrían servir como un complemento o incluso como parte sustancial del aprendizaje; sin embargo, la solución estaba muy lejos de ser viable. A partir de este momento los alumnos se enfrentaron con una serie de situaciones que hacían complicada su educación, comenzando con el hecho de que ser escolar, de un día para otro se convirtió en ser un estudiante a distancia. De la misma manera se vieron desafiados por la necesidad de poner a prueba sus habilidades digitales y, en muchos de los casos, considerar que no todos sus maestros manejaban con destreza y conocimiento las distintas plataformas educativas. Otro rasgo determinante es que no todos contaban con la conectividad suficiente o necesaria; algunos no disponían de un dispositivo electrónico que se ajustara a las necesidades del momento o, de tenerlo, en ocasiones se tenía que compartir con otros familiares. En otros casos, se contaba con un teléfono celular, pero no se tenía acceso a internet por falta de recursos económicos en el entorno familiar. Por lo tanto, de un día para otro las personas tuvieron que verse en la necesidad de quedarse en casa y ahí tuvieron que modificar sus rutinas y modificar espacios mismos de las viviendas; por lo tanto, las relaciones intrafamiliares se vieron trastocadas por estas nuevas circunstancias. De esta manera, el núcleo familiar y espacio del hogar se transformaron para dar cabida a nuevas maneras de realizar muchas actividades que antes de la pandemia y del confinamiento se realizaban fuera del hogar y lo relevante era darse cuenta de que esas actividades generaban no sólo importantes beneficios económicos, educativos, sino que también reportaba importantes beneficios emocionales para cada miembro de la familia. Lo que nos muestran las experiencias que aquí se han presentado, es la necesidad por parte de las instituciones educativas, de poner en el centro de la reflexión no sólo el desempeño académico de sus estudiantes durante este largo periodo de confinamiento, sino que también será clave el seguimiento y el apoyo que les brinde a los mismos estudiantes sobre su salud mental y emocional. Se vuelve urgente la construcción de diagnósticos participativos entre autoridades, docentes, padres de familia y las juventudes, para tener resultados y miradas integrales sobre lo acontecido durante el periodo del confinamiento y con ello tener proyectos de atención a la salud, a lo emocional, a lo que no se aprendió en las aulas y también en documentar las experiencias de resiliencia y de éxito para los jóvenes, ya que no todo han sido experiencias negativas para los jóvenes. Pienso en el aprendizaje que han hecho los propios jóvenes de las bondades de la virtualidad para poder desarrollar muchas otras

actividades y no sólo limitar la virtualidad a los escenarios de la diversión y el ocio; sino también ampliarlo ahora para la construcción de escenarios para hacer investigación, de conectarse con otros jóvenes y compartir información de su interés; contactar a investigadores y activistas en cualquier parte del mundo. Además, sus experiencias serán parte de esos testimonios que queden como un resultado de cómo un acontecimiento como la pandemia vino a transformar la vida y el rumbo de la humanidad; pero también vino a darle nuevos rumbos a la vida de estos 29 jóvenes, pero también la de millones en otros países y en otras regiones. Se vuelve necesario generar datos locales y luego siguiendo la tradición de los estudios antropológicos, desarrollar estudios comparativos; para ver si lo que sucedió en la vida de los jóvenes potosinos encuentra similitudes o diferencias con lo que vivieron otros jóvenes en otros estados del país; en otros países y en otros continentes. Esa es la meta en el mediano plazo.

Finalmente, ante la falta de una política educativa que atienda la salud mental de los alumnos, los testimonios que aquí se han presentado resultan ser un material invaluable como objeto de estudio para diferentes especialistas vinculados con la docencia: psicólogos, pedagogos, sociólogos, entre otros. La importancia no radica entonces en los aprendizajes o en recuperar el tiempo perdido, sino en ver la salud integral de los alumnos: como individuo mente-cuerpo, como ente social, para después pensar en el individuo como alumno.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguirre, Baztán, Ángel -Ed.- (1995). *Etnografía. Metodología cualitativa en la investigación sociocultural*. Barcelona; España: Alfaomega/Marcombo.

Bérnard Calva, Silvia M. (2019). *Autoetnografía. Una metodología cualitativa*. México: UAA/COLSAN.

Bochner, A. (2001). Narrative's virtues. *Qualitative Inquiry*, 7(2), 131-157.

Cedillo-barrón, Leticia, Verónica López Perrusquilla, Julio García Cordero y Giovani Visososo Carvajal (2020), "COVID-19. La enfermedad viral que se diseminó en el mundo". *Revista Avance y Perspectiva*. Disponible en: <https://avanceyperspectiva.cinvestav.mx/covid-19-el-virus-que-se-disemino-en-el-mundo/>

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL) / Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencias y la Cultura (UNESCO) (2020). *La educación en tiempos de la pandemia de COVID-19*. Santiago de Chile. Disponible: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45904/1/S2000510_es.pdf

Guber, R (2015) *La etnografía. Método, campo y reflexividad*. México: Siglo XXI Editores.

Instituto Nacional de Estadística y Geografía e Informática (2020) *Encuesta para la medición del impacto COVID-19 en la Educación (ECOVID-ED) 2020*. México. Disponible en: <https://www.inegi.org.mx/investigacion/ecovid/2020/>

Oehmichen C. (2014). *La etnografía y el trabajo de campo en las ciencias sociales*. México: UNAM/ Instituto de Investigaciones Antropológicas.

Pink, S; Horst, H; Postill, John; Hjorth, Larissa; Lewis, Tania; y Tacchi, Jo. (2019) *Etnografía digital: principios y práctica*. España: Morata.

Restrepo, Eduardo (2018). *Etnografía: alcances, técnicas y éticas*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos.

Scolari, Carlos. (2017) *Las Leyes de la interfaz*. Barcelona: Gedisa.

Tavera, Fellonosa, Ligia -coordinadora- (2022). *Reflexiones desde el encierro: las juventudes frente a la pandemia*. México: FLACSO México.

Tololyan, K. (1987). Cultural narrative and the motivation of the terrorist. *The Journal of Strategic Studies*, 10(4), 217-233.

FUENTES DE INTERNET:

<https://ichan.ciesas.edu.mx/la-pandemia-y-el-confinamiento-un-analisis-de-la-experiencia-de-estudiar-en-casa-entre-jovenes-de-nivel-superior-en-san-luis-potosi-mexico/>

<https://www.youtube.com/c/SeminariodeAntropolog%C3%ADaMexicanaCOVID19?app=desktop>.

https://www.youtube.com/watch?v=_RL5bW7yRuE.

<https://www.clacso.org/actividad/adolescentes-y-pandemia-en-mexico-experiencias-sentimientos-y-voces-adolescentes-2/>

<https://www.comecso.com/convocatorias/comunidad-y-la-pandemia>.

<https://www.eluniversal.com.mx/nacion/coronavirus-como-llega-mexico-al-pico-maximo-de-contagios-por-covid-19> (Fecha de consulta: 11 de mayo de 2020).

<https://www.unicef.org/argentina/media/8056/file/Covid19-EncuestaRapida-InformeEducacion.pdf>

https://www.coneval.org.mx/Medicion/PublishingImages/Pobreza_2020/Pobreza_2018-2020.jpg

<https://es.statista.com/estadisticas/1214113/casos-covid-mexico-edad/>

<https://blogs.iadb.org/ideas-que-cuentan/es/a-los-jovenes-les-va-mejor-con-la-covid-19-pero-en-america-latina-la-realidad-es-mas-compleja/>

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jorge Rodrigues é economista. Licenciado, mestre e doutor em Gestão (ISCTE-IUL), com Agregação (UEuropeia). Mestre e pós-doutorado em Sociologia – ramo sociologia económica das organizações (FCSH NOVA). Professor coordenador com agregação no ISCAL – *Lisbon Accounting and Business School* / Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal. Exerceu funções de direção em gestão (planeamento, marketing, comercial, finanças) no setor privado, público e cooperativo. É investigador integrado no Instituto Jurídico Portucalense. Ensina e publica nas áreas de empresa familiar e família empresária, estratégia e finanças empresariais, gestão global, governabilidade organizacional, marketing, planeamento e controlo de gestão, responsabilidade social e ética das organizações.

Maria Amélia Marques, Doutora em Sociologia Económica das Organizações (ISEG/ULisboa), Mestre em Sistemas sócio-organizacionais da atividade económica - Sociologia da Empresa (ISEG/ULisboa), Licenciada (FPCE/UCoimbra), Professora Coordenadora no Departamento de Comportamento Organizacional e Gestão de Recursos Humanos (DCOGRH) da Escola Superior de Ciências Empresariais, do Instituto Politécnico de Setúbal (ESCE/IPS), Portugal. Membro efetivo do CICE/IPS – Centro Interdisciplinar em Ciências Empresariais da ESCE/IPS. Membro e Chairman (desde 2019 da ISO-TC260 HRM Portugal. Tem várias publicações sobre a problemática da gestão de recursos humanos, a conciliação da vida pessoal, familiar e profissional, os novos modelos de organização do trabalho, as motivações e expectativas dos estudantes Erasmus e a configuração e dinâmica das empresas familiares. Pertence a vários grupos de trabalho nas suas áreas de interesses.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise Discriminante 229, 230, 231, 234, 235, 236, 241, 243

Arte 86, 100, 101, 147

Asia Central 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

B

Brecha de género 166, 173

C

Caída del Nivel de Mortalidad 35

Case studies 69, 120, 277, 280, 284, 285

China 9, 10, 39, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 151, 165, 246, 264, 280, 281, 283, 287

Clave 1, 25, 26, 35, 52, 87, 107, 111, 147, 166, 189, 190, 198, 199, 217, 289

Comunicação 73, 77, 79, 80, 81, 212, 247, 248, 256, 257

Confinamiento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 19, 21, 23, 26, 28

Consumo 23, 101, 114, 116, 170, 171, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257

Continuidade 230, 239, 241, 244, 246, 253

COVID-19 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 18, 20, 21, 22, 23, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 67, 127, 137, 258, 263, 264, 265, 271, 272, 273, 274, 277, 289, 293, 294, 298, 299, 300

Covid-19 crisis 258, 264, 273

Criação 100, 101, 102, 103, 104, 231, 237

D

Decisiones de inversión 176

Democracia 83, 85, 87, 88, 91, 92, 98

Desarrollo 8, 36, 44, 53, 57, 63, 67, 85, 90, 93, 111, 112, 114, 117, 118, 139, 140, 141, 142, 148, 150, 151, 152, 154, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 173, 177, 180, 183, 202

Design 120, 121, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 215, 216, 276, 279, 280, 284

Design de país 204, 205

Digitalization 258, 259, 263, 264, 265, 266, 271, 272, 275, 283, 285

Discursos 83, 84, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 96, 97, 116

E

Economía 5, 6, 36, 49, 50, 90, 96, 107, 109, 112, 114, 116, 117, 142, 148, 166, 168, 171, 172, 173, 174, 188, 229, 258

Economic policy 288, 289, 290, 291, 292, 293, 298, 299, 300, 301, 302

Energia eólica 204, 205, 210, 214, 215

Enfermagem 69, 70, 71, 80, 81, 82

Enfermagem Familiar 69

Espacio público 10, 139, 140

Esperanza de Vida al Nacer 35, 41, 44, 47, 48

Estudo de caso 69, 71

Etnografía 4, 5, 27, 28, 147, 150, 155, 164

European Cultures 120

Excitação psicótica 29

Experiential Retail 276

F

Falência 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 241, 243, 244, 245, 246

Feminismo 68, 166, 167

FinTech 258, 259, 263, 264, 265, 266, 269, 271, 272, 273, 274

Flujos de caja 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 187

G

Geopolítica 107, 110, 113, 114, 118, 119

Global change 120, 124

Gota 29, 30, 31

H

Horizonte de evaluación 176, 178, 179, 186

Humano 100, 101, 102, 105, 106, 116, 247, 248, 250, 256

I

Imagen urbana 139, 140

Inmigrante 139, 140, 142, 146

Interaction design 276, 279, 280

Inveja 247, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 256, 257

J

Juventudes 1, 3, 7, 9, 18, 26, 28

L

Lítio 29, 30, 31, 32, 33, 34

M

Mania 29, 30, 31, 32, 33

Microturbinas 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214

Mobile Banking 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275

Mobile Payments 258, 263, 265, 266, 268, 270, 272, 273, 274

Modelos de assistência à saúde 69

Mujeres 2, 35, 39, 42, 43, 44, 45, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174

N

Natureza 100, 101, 235, 238, 248

Nivel de mortalidad 35

NLFSR 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 202

O

Omnichannel 276, 278, 286

P

Pandemia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 18, 20, 21, 24, 26, 27, 28, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 67, 74, 81

Parâmetros de projeto 204, 208

Patrimonio 52, 139, 140, 146, 184

Paz 56, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 109, 251, 253

Pensamento 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 249

Período 2, 3, 4, 8, 11, 12, 21, 25, 26, 33, 36, 37, 45, 84, 88, 115, 141, 144, 145, 167, 172, 177, 178, 179, 180, 183, 189, 190, 193, 202, 239

Poder 10, 13, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 74, 78, 83, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 96, 98, 107, 118, 147, 150, 151, 154, 159, 161, 162, 163, 164, 166, 168, 170, 233, 238, 248

Polinomio homogéneo 217

Polinomio primitivo 189, 190

Política 9, 27, 40, 83, 85, 87, 88, 90, 96, 97, 98, 99, 101, 107, 108, 109, 113, 116, 117, 118, 148, 160, 168, 178, 288, 289
Precarização 166
Previsão 230, 231, 233, 234, 235, 236, 238, 241, 242, 244, 245, 246
Proyectos de inversión 175, 176, 187
Pruebas de aleatoriedad 189, 190, 202
Publicidade 247, 248, 252, 256

R

Retail Design 276, 279
Retórica 147, 150, 160, 161, 162

S

Scoring 229, 230, 241, 242, 243, 245, 246
Sección normal 217
Secuencia binaria 189
Shopping experience 276, 278, 279, 280, 283, 284, 285
SINADEF 35, 36, 38, 40, 41
Sistema carcelario 147, 148, 151
Sistema jurídico 147, 148, 154, 161

T

Tortura 147, 149, 153, 154, 157, 159, 162
Trabajo doméstico 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174
Transitions design 120

U

Uncertainty 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302
Unemployment 288, 289, 290, 291, 292, 295, 296, 297, 298, 300, 302
United States 107, 108, 165, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 298, 300

V

Valores críticos 217, 218, 219, 220, 222, 225, 228
Vector autoregressive model 288
Victimas 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 64, 65, 66, 67, 68, 83, 90, 92, 95, 96, 149, 150, 155, 162
Violencia intrafamiliar 50, 51, 53, 54, 55, 56, 61, 65, 66